

Autores: Arminda Eugenia Campos, Roberto S. Bartholo Jr., Frithjof Schuon, Allahbaksh K. Brohi, Seyyed Hossein Nasr, Syed Ali Ashraf, Abdur-Rahman Ibrahim Doi, Syed Husain M. Jafri, Titus Burckhardt, Muhyiddin ibn 'Arabi, Annemarie Schimmel, Abu Bakr Siraj Ad-Din, Murtada Mutahhari.

Islã - O credo é a conduta

Tradução, seleção e organização dos textos de Arminda Eugenia Campos e Roberto S. Bartholo Jr.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

I78 Islã: o credo é a conduta / [textos selecionados de] Frithjof Schuon, Seyyed Hossein Nasr. . . [et al.]; tradução, [seleção e organização dos textos] de Arminda Eugenia Campos e Roberto S. Bartholo Jr. – Rio de Janeiro: Imago Ed.: ISER, 1990.

(Coleção Religião e Modernidade; 2)

Dados biográficos dos autores.

Glossário.

Bibliografia.

ISBN 8-312-0095-4

1. Islamismo. I. Schuon, Frithjof. II. Nasr, Seyyed Hossein. III. Campos, Arminda Eugenia. IV. Bartholo Jr., Robert S. V. Instituto Superior de Estudos da Religião. VI. Série.

CDD – 297

CDU – 297

(Coleção Religião e Modernidade)



E



IMAGO EDITORA

– Rio de Janeiro –

O Mundo Islâmico – Tendências Atuais e Futuras

*Seyyed Hossein Nasr**

A sobrevivência do Islã tradicional no mundo moderno, a intrusão do modernismo no *dār al-islām*, e a recente ressurgência de forças associadas ao Islã, seja no nome ou na realidade, somadas à importância global de eventos ocorridos no Oriente Médio nos últimos anos, tudo isso ajudou a criar não poucos, mas uma torrente de trabalhos sobre o Islã e seu futuro, alguns dos quais de pessoas que, há apenas alguns anos, rejeitavam a própria possibilidade do Islã ser uma força reconhecida no futuro. Essa autêntica indústria nova, freqüentemente baseada ou em correntes políticas passageiras ou em conclusões tiradas precipitadamente de dados incompletos, já fez muitas previsões para o mundo islâmico, variando o estilo, do melodrama à ficção científica, com algumas avaliações um pouco mais equilibradas lançadas no meio. Nosso objetivo, aqui, não é certamente acrescentar mais um cenário aos já existentes, principalmente porque, de acordo com uma crença mantida firmemente por todos os muçulmanos, o futuro reside na Mão de Deus e só Ele conhece seu conteúdo, como o Corão repete em muitos de seus versículos. Nosso objetivo, ao contrário, é investigar para além da superfície a fim de mostrar claramente a natureza de algumas das mais profundas questões, idéias e forças em ação dentro do pensamento religioso islâmico contemporâneo, assim como no mundo islâmico, além de lançar um olhar sobre como esses elementos parecem estar interagindo uns com os outros e com o mundo à sua volta, e como é provável que irão fazê-lo num futuro próximo. Ao mesmo tempo, devemos permanecer totalmente conscientes da incerteza de todas as projeções futurísticas baseadas em tendências atuais.

Ao realizar esta discussão, é importante distinguir entre Islã e mundo islâmico. Há correntes de pensamento, movimentos, afirmações e rejeições dentro do mundo do pensamento religioso islâmico. Há também, é desnecessário dizer, forças e movimentos muito complexos atuando na parte do mundo chamada de islâmica. O Islã e o mundo islâ-

mico não são de forma alguma idênticos, e não devem ser confundidos um com o outro para o fim de qualquer análise acadêmica. Tampouco deveriam ser totalmente separados. A parte do globo chamada mundo islâmico é islâmica no mais profundo sentido, na medida em que, através dos séculos, as leis, a cultura, as estruturas sociais e, de fato, toda a visão de mundo das pessoas que o habitam foram profundamente moldados pelo Islã. Além disso, após mais de um século de recuo e, às vezes, de capitulação ante o Ocidente, muitas pessoas desse mundo denominado islâmico estão tentando, de várias maneiras, retornar ao Islã, de forma que há, sem dúvida, um “ressurgimento” de um ou outro tipo associado ao Islã em muitas terras muçulmanas, embora, como já foi discutido, a forma e mesmo o conteúdo dessa “revitalização” estejam longe de serem iguais em todos os lugares. Também é essencial repetir que nem todos os movimentos que utilizam o nome, os símbolos e a linguagem do Islã têm um caráter autenticamente islâmico.

Há, portanto, o Islã e o mundo islâmico a considerar; e há o elo entre os dois, levando em consideração a pertinência do Islã a esse mundo, como quer que essa pertinência seja percebida e interpretada por grupos diferentes. As tendências futuras dos dois, ou seja, do Islã visto como uma religião e do mundo islâmico, provavelmente não serão as mesmas, mas também não podem ser totalmente desligadas. Estudar as várias escolas de pensamento e perspectivas atuais dentro do Islã e dos círculos de pensadores muçulmanos certamente jogará alguma luz sobre o que é provável que aconteça no próprio mundo islâmico, lembrando que, sem dúvida, forças e eventos fora do mundo islâmico provavelmente terão o mais profundo efeito sobre ele, sem estarem de forma alguma relacionados às forças teológicas e religiosas internas do Islã. Especulações sobre esse segundo tipo de futura intrusão no mundo islâmico e o papel dessas forças externas na mudança do destino dos povos islâmicos, como todos têm testemunhado em muitos países islâmicos durante os últimos anos, não podem ser a preocupação deste estudo. Nossa tarefa será, muito mais, estudar as tendências associadas ao próprio pensamento islâmico, em como ele pode influenciar e afetar o futuro do mundo islâmico. A influência de uma forma particular de pensamento islâmico é uma coisa; a invasão por tropas estrangeiras ou manipulação e interferência menos abertas são outra completamente diferente. Necessariamente, é só com a primeira categoria que podemos estar preocupados.

Resumindo o que foi discutido extensivamente em capítulos ante-

* Extraído de *Traditional Islam in the Modern World*. Londres, KPI, 1987.

riores: dentro do universo religioso islâmico pode-se distinguir não uma, mas um grande número de forças e formas de atividade que podem ser classificadas em quatro categorias, embora em cada categoria se possa perceber um amplo espectro de diversidade. Essas categorias gerais, como já foi afirmado, podem ser enumeradas assim: modernismo, messianismo, "fundamentalismo", e Islã tradicional. Além disso, essas categorias são de tal natureza que, apesar de suas divergências e freqüente oposição interna, é provável que se mantenham, ao menos no futuro imediato.

O modernismo, que é o mais nebuloso desses termos, continua a sofrer uma mudança de conteúdo de uma década para outra. Os modernistas islâmicos do século XIX, ou mesmo de quarenta anos atrás, não defendiam as mesmas teses dos de hoje, por causa da natureza transitória do próprio mundo moderno. Mas são todos chamados modernistas porque valorizam e têm algum grau de confiança no desenvolvimento pós-medieval do Ocidente, chamado modernismo. E também porque tentaram, e continuam tentando, interpretar o Islã, ou algumas de suas características, de acordo com as últimas idéias, valores e normas tiradas da perspectiva moderna, com sua própria esfera de diversidade.

As escolas modernas variam desde as que desejam reinterpretar o Islã à luz das correntes humanista e racionalista do pensamento ocidental, e que se aliam ao paradigma de liberalismo prevalecente no Ocidente, às que são atraídas pela visão do mundo marxista e que se tornaram muito mais numerosas durante as últimas décadas, em seguida à Segunda Guerra Mundial. Os modernistas islâmicos vão desde estudiosos e pensadores sérios como Fazlur Rahman e Muhammad Arkoun a popularizadores jornalísticos, desde os atraídos pelo existencialismo e personalismo francês, como Muhammad Labbabi, a outros profundamente influenciados pelo pensamento marxista, como 'Alī Shārī 'atī e 'Abdallāh Laroui. Essa classe de modernistas estava em geral profundamente preocupada, ao mesmo tempo, com o aspecto social do Islã e, freqüentemente, com uma "filosofia terceiro-mundista", que tem sido uma marca dos círculos intelectuais franceses desde a Segunda Guerra Mundial, no interior dos quais a maior parte desse tipo de pensadores "reformistas" muçulmanos nutriu-se.

No todo, o impacto dos modernistas islâmicos das gerações mais velhas tem diminuído na maioria dos países muçulmanos. Freqüentemente baseados num senso de inferioridade *vis-à-vis* o Ocidente e an-

siosos para emular tudo que fosse ocidental, os reformadores iniciais foram uma força poderosa enquanto o próprio modelo ocidental parecia viável e, de fato, dominava o mundo. Com o gradual enfraquecimento do paradigma ocidental prevalecente, no próprio Ocidente, combinado com as tragédias que continuavam a ocorrer no mundo islâmico, de tal forma que são associadas, aos olhos do povo, ao Ocidente, houve uma diminuição do impacto pensador muçulmano pró-Ocidente, "liberal". É provável que essa tendência continue enquanto as forças em ação, especialmente na questão árabe-israelense, continuem a ser o que são.

O segundo tipo de modernista, entretanto, que substitui Locke por Marx, e o capitalismo ocidental por algum tipo de socialismo, e que tenta aparecer como um herói do Terceiro Mundo e um defensor das "massas oprimidas", pode ter chegado mais tarde ao mundo islâmico, mas sua influência está longe de ser decrescente. Ao contrário, há muita razão para pensar que é crescente e, em muitas partes do mundo islâmico, apoiada material e financeiramente por fontes de dentro e de fora deste mundo. Sua força só diminuirá se pensadores muçulmanos tradicionais fizeram frente aos princípios desse tipo de mentalidade criptomarxista, como já aconteceu uma ou duas vezes (por exemplo, com 'Allāmah S.M.H. Tabātabā'i, em seu *Principles of the Philosophy of Realism*), em vez de fugirem dela e recusarem-se a considerar suas implicações, como tem sido normalmente o caso, com tantas figuras muçulmanas contemporâneas.

O messianismo sempre esteve presente no Islã e manifestou-se sempre que a comunidade islâmica sentiu seu mundo de valor e significado em risco iminente. A invasão européia do mundo islâmico no século XIX testemunhou uma onda de messianismo, desde a África Ocidental até o Sudão, desde a Pérsia até a Índia. Essa onda tomou formas muito diferentes, em contextos de natureza diversa, produzindo tanto o Mahdī no Sudão, como o Bāb na Pérsia. Mas o fundamento do fenômeno foi, por todo o lado, praticamente o mesmo. Era o aparecimento de uma figura carismática reivindicando ser o Mahdī ou seu representante, em contato direto com Deus e com seus Agentes no Universo, e representando uma intervenção divina na história, com implicações escatológicas. Os últimos anos têm testemunhado o ressurgimento desse tipo de fenômeno religioso. As fases iniciais das convulsões no Irã em 1978 tinham claramente uma dimensão messiânica, para não falar da tomada da Grande Mesquita de Meca em 1979, onde, bem estranhamente, as tendências messiânicas estavam misturadas a um tipo de Wahhabis-

mo.* Nesse contexto, pode-se mencionar também os recentes movimentos messiânicos no norte da Nigéria.

Há toda a razão em esperar que tais formas de messianismo continuem no futuro. Na medida em que um bilhão de pessoas se tornam cada vez mais frustradas por falharem em atingir os objetivos que eles mesmos crêem ter o legítimo direito a realizar, uma reação possível é, certamente, algum tipo de erupção ou convulsão político-social. Outra reação possível, entretanto, é um messianismo que promete vitória com ajuda divina, com base na destruição da ordem existente. O messianismo só pode possuir um caráter "revolucionário". É por isso que os muçulmanos tradicionais acreditam que só o próprio Mahdī, que virá antes do fim da história, será capaz de realizar uma autêntica revolução religiosa que signifique nada menos que o estabelecimento da Ordem Divina na Terra, sendo todas as outras revoluções formas de sublevação, e posterior destruição do que resta da tradição religiosa. Na extensão em que o mundo se torna um lugar mais perigoso de se viver, e, principalmente, que os povos muçulmanos vêm-se confrontados de todos os lados por forças estranhas, que ameaçam sua própria existência, a onda de messianismo certamente aumentará, em conformidade, de fato, com alguns ditos do profeta do Islã acerca dos últimos dias.

Quanto ao "fundamentalismo", como já foi dito em capítulos anteriores, o uso desta expressão por jornalistas, e mesmo por estudiosos, referindo-se a uma grande variedade de fenômenos no mundo islâmico e a correntes de pensamento islâmico, é extremamente infeliz e enganador, porque o termo é originário do contexto cristão, onde tem uma conotação bem diferente. "Fundamentalismo", nos círculos religiosos cristãos, principalmente na América, refere-se a formas conservadoras de Protestantismo, normalmente antimodernistas, com uma interpretação um tanto quanto literalista e estreita da Bíblia, e com uma forte ênfase na ética cristã tradicional. Essas características têm pouco a ver com a maior parte do que se classifica hoje sob o nome de "fundamentalismo" no Islã, embora algumas das correntes excessivamente exotéricas, mas tradicionais, de pensamento islâmico, também chamadas "fundamentalistas", realmente partilhem algumas poucas características comuns com o fundamentalismo, como é entendido normal-

* Este termo designa um movimento de reforma surgido na Península Arábica do século XII/XVIII, com Muhammad ibn'Abd al-Wahhāb, que visava um retorno à pureza do Islã original, e que permanece ainda influente. (N. da T.)

mente em inglês. As diferenças, no entanto, são muito maiores que as semelhanças nas correntes mais violentamente anti-Occidente e "revolucionárias", que, apesar de sua atitude exterior anti-Occidente, agora também se referem a si mesmas como "fundamentalistas", tendo que inventar essa palavra para seu contexto particular, já que tal termo nunca existiu, tradicionalmente, nas diversas línguas (por exemplo, *bunyāngarā'i*, em persa).

O termo *intégrisme*, usado em francês para descrever o mesmo conjunto de fenômenos que "fundamentalismo", pareceria mais apropriado porque se refere às opiniões dos católicos tradicionais que desejam integrar toda a sua vida em sua religião e, reciprocamente, sua religião em todos os aspectos da vida. Deste ponto de vista, poderia ser dito que o Islã tradicional também é *intégrisme* e "fundamentalismo", mas a classificação de um conjunto amplamente diversificado de fenômenos e tendências sob esses nomes é um traço enganador de muitos dos atuais estudos sobre o Islã e ajuda a ocultar as realidades mais profundas envolvidas, incluindo o fato essencial de que a maior parte do chamado "Islã fundamentalista" é não tradicional, mas antitradicional e contrário ao espírito e à obra da tradição islâmica, como foi entendida e praticada através dos séculos desde a descida da revelação corânica.

É preciso que se repita que na categoria de "fundamentalistas" incluem-se tanto organizações que desejam islamizar a sociedade completamente, através da aplicação da *sharī'ah*, mas de maneira pacífica, quanto as que falam de "revolução", usando todas as ideologias, e até mesmo as técnicas, pertencentes a movimentos revolucionários da história européia moderna, mas com um colorido islâmico. Incluem desde movimentos baseados na idéia do governo pelos *'ulamā*, como no Irã, àqueles que tentam eliminar a influência dos *'ulamā*, ou mesmo, para todos os efeitos, sua existência, como na Líbia. Abrangem organizações tão diferentes como o Jamā'at-i islāmī do Paquistão e a Ikhiwān al-Muslimīn, e governos diametralmente opostos em estrutura, como os da Arábia Saudita e do atual Irã.

Para obter um entendimento mais profundo das forças em ação que certamente determinarão tendências num futuro próximo, é importante distinguir claramente entre grande parte do que é chamado "Islã fundamentalista" por estudos ocidentais e o Islã tradicional. O que vários movimentos descritos como "fundamentalistas" têm em comum é uma frustração cultural e religiosa diante do assalto da cultura ocidental e o desejo de reafirmarem-se em nome do Islã. Mas sua base comum para nes-

se ponto, porque ao tentar atingir seus fins alguns recorrerão ao jargão revolucionário vindo do Ocidente, e outros, a uma interpretação racionalista e puritana do Islã, que abole toda a tradição espiritual e intelectual islâmica, em nome de uma pureza espiritual não mais atingível. Esse último grupo, embora limitado em seu entendimento e sua apreciação da tradição islâmica, ao menos aceita uma parte dessa tradição, ou seja, a *shari'ah*, e é a parte do "fundamentalismo" mais próxima do Islã tradicional, enquanto a primeira é antitradicional em sua natureza e seus métodos, apesar das aparências. Além disso, em muitos desses assim chamados movimentos "fundamentalistas", a ideologia de esquerda simplesmente substituiu a das escolas liberais clássicas, ocidentais, seguidas por uma geração anterior de muçulmanos ocidentalizados. O ódio, um sentido de vingança, uma agitação constante e uma fúria cega vieram também a caracterizar muitos desses movimentos, em lugar da paz, tranqüilidade, harmonia e objetividade que normalmente caracterizaram manifestações autênticas do Islã desde a origem, e que se encontram refletidas tanto no Corão como na personalidade do Profeta. Ao tentar devolver ao Islã seu poder no palco da história, muitos desses movimentos desfiguraram a própria natureza do Islã. Ao invés de serem um ressurgimento genuíno do Islã, um ressurgimento que de fato tenta ocorrer em muitos lugares, são na realidade uma outra forma de modernismo, mas de um tipo muito mais perigoso que as formas anteriores, porque utilizam a linguagem e certos símbolos populares da religião islâmica, adotando ao mesmo tempo alguns dos aspectos mais negativos e espiritualmente devastadores do Ocidente moderno, incluindo o marxismo. Além disso, em nome do fervor religioso, fecham a porta a todos os esforços intelectuais e considerações lógicas sobre os problemas e perigos que realmente desafiam o mundo islâmico.

Se as esperanças e aspirações do mundo islâmico continuarem a ser despedaçadas pela força dos atuais eventos, não há dúvida de que o tipo revolucionário de movimento "fundamentalista" continuará a se manifestar e até mesmo a se expandir. Não se deve esquecer o fato de que muitos desses movimentos são apoiados e reforçados não só por forças internas, mas também pelo mundo comunista e por certas forças no próprio Ocidente, cada um tendo suas próprias razões para fornecer apoio. Ainda que, uma vez que uma ideologia desse gênero seja experimentada, não possa sobreviver por muito tempo a não ser que seja capaz de atingir os objetivos que prometeu. O Islã é ainda forte bastan-

te no mundo islâmico para ser capaz de julgar, a longo prazo, a islamicidade de todos os movimentos e ideologias que usam seu nome. Muito provavelmente, com a passagem do tempo, o rigor deste teste, realizado pela consciência religiosa da comunidade, será sentido mais fortemente por todos os movimentos, forças, e governos que falam de "ideologia islâmica". Quaisquer que sejam as reais implicações políticas do exame e teste de tais forças pela população islâmica, parece haver pouca dúvida de que, ao nível do pensamento religioso, ou do próprio Islã considerado como religião, é certo haver um maior discernimento dentro da sociedade islâmica acerca de todos esses movimentos hoje intitulados de "fundamentalistas". A ideologia é um conceito ocidental difícil de ser traduzido em árabe ou persa. Uma vez que o Islã seja interpretado, não como uma religião que tudo abrange ou *ad-din*, mas como uma ideologia que serve a um movimento ou doutrina particular como seu suporte ideológico no sentido moderno, ou fracasso desse movimento ou regime reflete-se sobre o próprio Islã. Nesse caso, ou as pessoas perdem sua fé ou começam a examinar a verdadeira natureza das forças que se apresentam como islâmicas. Ambas as tendências com certeza ocorrerão, na extensão em que os movimentos "fundamentalistas" forem capazes de exercer um poder real e afetar a vida diária dos seres humanos.

Finalmente, temos que considerar o Islã tradicional, que, como foi afirmado, é freqüentemente confundido com "fundamentalista", como esse termo é usado atualmente. Apesar das ondas de modernismo, das reações puritanas, do messianismo, e das violentas e revolucionárias e teologicamente limitantes formas de "fundamentalismo", o Islã tradicional continua a sobreviver. A maioria dos muçulmanos ainda vive num mundo em que o equilíbrio promulgado pela *shari'ah* e a serenidade da espiritualidade islâmica são encontrados, em alguma medida, apesar das experiências do colonialismo europeu, de um certo grau de decadência dentro do mundo islâmico (que tornou-se notável no século XVIII e aumentou no XIX), das constantes desordens políticas e dos numerosos problemas econômicos que muitos países muçulmanos enfrentam. A maior parte dos intérpretes da *shari'ah* ainda são *'ulamâ* tradicionais. As ordens sufis, longe de estarem mortas, ainda possuem uma vitalidade interna; pode-se também encontrar alguns mestres espirituais nelas. E as tradicionais ciências intelectuais e teológicas não estão, de modo algum, mortas. Além do mais, como já foi mencionado, durante as últimas décadas uma nova classe de estudiosos e pensado-

res apareceu no mundo islâmico, os quais são tradicionais, em sua adesão e defesa da tradição islâmica integral, mas que também conhecem o ponto de vista ocidental em profundidade, e são capazes de fornecer respostas intelectuais, do ponto de vista islâmico, aos problemas colocados pelo mundo moderno, em vez de recorrer à fé cega ou à simples retórica ou à criação de *slogans*.

O Islã tradicional certamente sobreviverá no futuro, principalmente porque a própria estrutura da tradição islâmica, com sua ênfase no elo direto entre o homem e Deus, e ausência de uma autoridade religiosa central, contém a proteção máxima necessária para sobreviver no mundo de hoje. Além disso, a recém-criada classe de estudiosos e pensadores muçulmanos tradicionais que também são totalmente conhecedores da natureza do mundo moderno, e suas escolas de pensamento, filosofias e ciências, está fadada a crescer, e está realmente crescendo no momento. Além disso, é provável que esta tendência se expanda, na medida em que várias tentativas feitas por grupos diferentes, dentro do campo "fundamentalista", para islamizar a sociedade, o conhecimento e a educação, sem o apoio total da tradição intelectual islâmica, fracassarem em conseguir os resultados delas esperados. Também é provável que continue a queda da qualidade de vida tradicional, mas é certo que o Islã tradicional sobreviverá em suas várias dimensões e aspectos, e será, finalmente, o juiz e o critério de quão exatamente islâmicos são esses ressurgimentos e movimentos ressurgentes que reivindicam ter um caráter islâmico.

Por vários séculos a forma predominante de teologia na parte sunita do mundo islâmico foi *Ash'arita*, baseada num voluntarismo oníabrangente e resultando numa posição mais ou menos fideísta, em que o conhecimento é feito subserviente à fé. Além disso, o crescimento de movimentos, como o wahhabismo, o salafiyah e outros, só ajuda a fortalecer esta tendência. Mesmo no mundo xiita, onde a teologia prevalente tem conduzido mais para os aspectos intelectuais da tradição islâmica, os debates *akhbārī-usūlī* e a predominância de elementos exotéricos do fim do período sefévida em diante levaram as tradicionalmente denominadas "ciências intelectuais" (*al-'ulūm al-'aqliyyah*) a serem, até certo ponto, eclipsadas. Portanto, de modo geral, e apesar da sobrevivência de centros de atividade das ciências intelectuais em algumas áreas, como na Pérsia e no subcontinente indiano, quando pensadores islâmicos afetados por esse fideísmo confrontaram o Ocidente, fizeram-no principalmente de uma perspectiva sem recursos diante

dos desafios racionais e especificamente intelectuais do mundo moderno, e tinham que recorrer ou a uma oposição fundada no fanatismo ou a um refúgio no aspecto emocional da fé. O resultado não poderia ser senão catastrófico, porque o principal desafio do Ocidente moderno ao Islã, em contraste, digamos, com a invasão mongol, não é principalmente militar, embora a dimensão militar esteja certamente presente, mesmo após o aparente fim do período colonial. Tampouco é primariamente religioso, como foi o encontro do Islã com o Hinduísmo. O desafio, ao contrário, diz respeito principalmente ao domínio da mente, e exige uma reação em conformidade com a sua natureza, considerando que até recentemente a reação do mundo islâmico não tem sido como a dos séculos iniciais do Islã em face das ciências e do saber greco-alexandrinos. O mundo dos eruditos religiosos islâmicos não produziu seus Ibn Sinās, al-Bīrūnīs ou mesmo seus al-Ghazzhālīs. A resposta tem, na maior parte, ecoado o fideísmo e o voluntarismo que têm dominado os centros religiosos de saber.

Durante os últimos anos, pensadores islâmicos começaram a enfrentar mais minuciosamente este problema e a chegar a um acordo quanto aos desafios não só sociais, mas também intelectuais do Ocidente. Várias autoridades em todo o mundo islâmico vieram a perceber a importância da reislamização do sistema educacional e da integração das ciências modernas na visão de mundo islâmica. Muitas conferências educacionais tratando desses problemas têm sido realizadas e planejadas para o futuro. Não há muita dúvida de que essa tendência continuará a crescer nos próximos anos e não perderá seu ímpeto facilmente. Provavelmente continuarão a ser feitas tentativas de criar um único sistema educacional em vários países islâmicos para substituir os dois rivais (o islâmico tradicional e o moderno) que dominam a cena na maioria das terras islâmicas atualmente. Da mesma forma, continuarão a despender esforços na tentativa de "islamizar" várias ciências, indo das humanidades às ciências sociais e até mesmo às ciências naturais.

A questão principal é se, ao utilizar apenas uma dimensão da tradição islâmica, isto é, a *sharī'ah*, negligenciando as outras dimensões e toda a tradição espiritual e intelectual do Islã, é possível realizar tal empresa. Será de fato possível integrar as ciências da natureza na perspectiva islâmica, limitando-se somente às ciências islâmicas do direito e do sentido literal dos versículos do Corão; ou substituindo uma reação intelectual pela devoção pia, não importante o quão sincera possa ser essa devoção? No presente momento, há duas forças em jogo para

islamizar a educação e as ciências. Uma está intimamente ligada a certos segmentos do espectro chamado "fundamentalismo" e vê o sucesso desse processo como sendo nada mais que o resultado e a consequência do restabelecimento da *shari'ah* na sociedade. Esse grupo segue, mais ou menos, a posição teológica voluntarista-fideísta, a que se soma a rejeição da integral tradição intelectual e espiritual do Islã e uma tendência puritano-racionalista remontando aos assim chamados movimentos de "reforma" do século XIX.

O segundo grupo, mais tradicional que "fundamentalista", busca atingir o mesmo objetivo de islamização, mas recorrendo à tradição espiritual islâmica completa, combinada com uma crítica profunda do próprio mundo moderno, baseada nos princípios tradicionais. Embora concordando com o primeiro grupo quanto à importância da implementação da *shari'ah*, acredita que os desafios intelectuais colocados pelo mundo moderno só podem ser respondidos, em primeiro lugar, pela compreensão profunda desses desafios e, em seguida, pela aplicação dos princípios intelectuais da tradição islâmica para confrontar esses desafios e as premissas da visão de mundo moderna, opostas ao universo sagrado do Islã não num ou noutro detalhe, mas em princípio. Além disso, este último grupo crê que o desafio do modernismo não pode ser respondido até que a tradição intelectual e espiritual islâmica seja ressuscitada e revivida em sua totalidade. Sustenta que só os aspectos esotéricos, interiores e espirituais da religião podem fornecer o remédio para certas rachaduras que aparecem na parede da religião exotérica, como resultado dos ataques das forças antitradicionais e secularizadas. O caso do Islã não seria uma exceção a esta regra.

Estes dois grupos, assim como seus ideais e objetivos, devem continuar no futuro próximo. Além disso, o grau de sucesso que cada escola possui influenciará o curso da teologia islâmica e do próprio pensamento religioso. Claro, as forças secularizadoras contrárias ao objetivo educacional de ambos os grupos também estão vivas e ativas em muitas terras e aptas a influenciar os eventos neste domínio num grau apreciável, ao menos em alguns dos maiores países islâmicos. Sua influência através dos canais educacionais sobre o pensamento islâmico em si deve no entanto ser menor que a dos dois grupos mencionados acima. Os secularistas na teoria e na prática educacional terão influência mais evidente em sua colaboração para que prossiga vigente o atual sistema dual de educação no mundo islâmico. Isso tem como resultados óbvios treinar os membros de uma única sociedade para que

suas visões opostas sobre questões cruciais os impossibilitem para a necessária união criadora de uma ordem social integrada.

Neste domínio, mesmo aqueles que desejam islamizar o sistema educacional muitas vezes colaboram, sem o desejar, para o aumento de sua secularização, ao tentarem eliminar completamente as instituições educacionais "modernas", já centenárias, em muitas das quais gerações de muçulmanos devotos têm tentado criar algum tipo de ponte entre as escolas tradicionais e as novas, e moldar o vocabulário científico islâmico clássico de línguas como o árabe e o persa, para que se tornem veículos adequados de expressão das disciplinas científicas contemporâneas. Nos anos que virão, muito provavelmente haverá rivalidade entre os que desejam islamizar as instituições educacionais já existentes, eliminando assim a atual dicotomia, apesar dos esforços de muitos dedicados pensadores e professores muçulmanos ao longo do último século, e dos que aboliriam completamente as instituições modernas existentes, em nome de "novas" instituições-modelo de natureza islâmica. O atual esforço de criar universidades islâmicas por todo o mundo muçulmano, e seu pouco sucesso fora do campo das disciplinas especificamente religiosas (como lei sagrada e hermenêutica), quando confrontados com os imensos obstáculos enfrentados, revela a enormidade da tarefa implicada e o papel crucial que todo o processo de islamização na educação e nas ciências em evolução presentemente terá para o futuro de ambos: do pensamento islâmico e do mundo islâmico.

O aumento da consciência do mundo islâmico como uma entidade única é, ele mesmo, uma das tendências mais importantes a serem observadas naquele mundo, uma tendência que deve continuar. Tanto os tradicionalistas como os "fundamentalistas" nutrem o ideal da unidade do mundo islâmico, embora concebam sua efetivação de várias maneiras diferentes. O messianismo, de outro lado, sempre teve a unificação do mundo islâmico como uma parte intrínseca de sua perspectiva e programa. De acordo com a tradição, o Mahdī é quem irá finalmente reunificar o mundo islâmico no fim dos tempos. O aumento da consciência do *ethos* islâmico e as reações ao assalto do Ocidente transformaram, de fato, a unidade do mundo islâmico num lema de forças religiosas e políticas de quase todo matiz e capacidade de persuasão, a não ser, é claro, dos secularistas. Esse forte sentimento islâmico também foi manipulado por algumas das forças "fundamentalistas", e estabeleceram-se regimes cujos fins políticos imediatos não são senão a criação

dessa unidade, mas usualmente sem qualquer resultado, exceto o enfraquecimento maior do mundo islâmico.

O desejo de atingir esta unidade manifesta-se também numa forte inclinação, nos círculos teológicos, a ter uma cooperação mais próxima e uma melhor compreensão entre o sunismo e o xiismo. Esta tendência, que já tem algumas décadas e deve continuar, foi realçada, uma geração atrás, pela declaração do *shaykh* ash-Shaltūt, então reitor da universidade al-Azhar, de que a lei Xiita Duodecimalista (Ja'fari) seria ensinada como uma das escolas ortodoxas de direito naquela venerável instituição. O diálogo intra-islâmico entre pensadores sunitas e xiitas também irá muito provavelmente aumentar nos níveis filosófico, religioso e legal. Paralelamente a esses desenvolvimentos religiosos, entretanto, a utilização política das diferenças entre sunitas e xiitas não só continua como se agrava, na extensão em que o Islã é utilizado como instrumento político por um grupo ou regime contra outro. Essas diferenças também proporcionam uma oportunidade ideal para todas as forças externas que tiram proveito do enfraquecimento do mundo islâmico e da criação do caos e da discórdia – para não falar de conflito armado aberto – dentro dele. Os distúrbios, e até mesmo guerras, dos últimos anos, relacionados com as diferenças entre sunitas e xiitas, provavelmente não desaparecerão na presença de forças políticas ativas, principalmente nas áreas centrais do mundo islâmico, ao mesmo tempo que também é provável que cresça, entre os pensadores islâmicos e os *'ulamâ* tradicionais, nos dois campos, a tendência de se beneficiarem do diálogo e do estreitamento de relações em muitas questões teológicas, e mesmo legais.

Contra esse forte desejo de “unificação” e de consciência dos povos islâmicos como um único povo, ou *ummah*, como é mencionado no Corão, coloca-se não só a força do nacionalismo, em seu sentido secular, derivado da Revolução Francesa, ou em várias formas de provincialismo étnico, mas também uma força mais moderada e sensata que poderia ser chamada de “nacionalismo islâmico”. Desde o século XIX, as forças denominadas nacionalismo árabe, turco, iraniano e semelhantes têm sido muito poderosas na região do Oriente Médio do mundo islâmico. Entretanto, há movimentos pan-islâmicos revolucionários que se opõem a todas essas forças, em nome da unidade política do mundo islâmico. Essas duas forças rivais deverão se embater nos próximos anos. É difícil imaginar que as forças a favor da unificação do Islã terão sucesso em atingir um objetivo que, de acordo com a tradi-

ção profética (*Hadith*) deve ser levada a cabo pelo próprio Mahdī, embora provavelmente venham a ocorrer maior cooperação, comunicação e troca entre várias nações e povos islâmicos em muitos campos, do econômico e político ao cultural. Tampouco é provável que as forças do nacionalismo se extingam. De fato, agora existem tendências para insuflar até manifestações de um nacionalismo mais local que, se bem-sucedidas, não só não levariam a um único mundo islâmico, mas causariam a criação de estados pequenos e sem recursos, à mercê de forças externas que poderiam manipulá-los ainda mais facilmente que agora.

Há, entretanto, um terceiro tipo de força a considerar, ou seja, o “nacionalismo islâmico” tradicional, de acordo com o famoso *hadith*, “o amor de uma nação vem da fé”. Bem antes da Revolução Francesa, os árabes já sabiam que não eram persas nem turcos e vice-versa, embora um árabe pudesse viajar de Tânger e fixar-se em Delhi sem qualquer dificuldade, ou um persa pudesse migrar para Istambul ou Hyderabad e fazer dela seu segundo lar. Muitos analistas confundem essa consciência tradicional de se ser um egípcio ou um persa, com as formas mais recentes de tipo europeu de nacionalismo. Entre os extremos da idéia utópica de um único estado islâmico abrangendo todo o mundo islâmico e de pequenos estados em luta que continuam a enfraquecer-se internamente, como resultado de inimizade e rivalidade constantes, pode-se imaginar a possibilidade de, mais uma vez, surgir no futuro uma tendência em direção a um tipo de pensamento político islâmico que combine o ideal da unidade do mundo islâmico baseada na cultura, na Lei Divina, na vida intelectual etc., com unidades políticas separadas que abranjam os principais povos e zonas culturais do mundo islâmico, como o árabe, o turco, o persa, etc. É muito difícil prever tendências em tal domínio, em que, num mundo caótico, os fatores políticos são tão diversos e onde se vive cercado de areia movediça. Mas, certamente, essa combinação de um senso de religião com patriotismo num sentido mais tradicional não pode, de forma alguma, ser rejeitada como possibilidade, especialmente entre povos já tocados pelo fogo do fanatismo e do extremismo, levados a eles em nome do Islã e por causa de uma ordem internacional evasiva, e até agora não existente que, para as massas, não pode substituir seu amor natural por sua própria terra natal, sua língua e seu povo, e que, em alguns casos, cria até mesmo o perigo de que seu amor secular pelo Islã diminua, um amor que a seus olhos sempre se combinou com a ligação com sua terra natal.

Não há muita dúvida de que o que se denomina o “desafio do Is-

lã" diante do mundo moderno continuará nos próximos anos, mas é provável que tome novas formas além das já existentes. Ao mesmo tempo que convulsões políticas, utilizando o nome do Islã, devem continuar num mundo em que as forças islâmicas não gozam de liberdade de ação, mas onde, ao contrário, poderes externos têm acesso e podem manipular tais forças, outras reações, não baseadas simplesmente em sentimentos e fanatismo, provavelmente ocorrerão. Como as forças atuais trabalhando pelo ressurgimento usam o rádio e a televisão para atacar o Ocidente, com seus representantes permanecendo em prédios que imitam a arquitetura ocidental e dirigindo através de ruas projetadas de acordo com idéias modernas de urbanização, outras forças poderão apresentar-se para examinar a ciência e a tecnologia, as teorias sociais e idéias de desenvolvimento urbano que o Islã tem copiado cegamente, como se não tivessem nada a ver com religião, enquanto ataca a religião de que elas são os produtos. Também é provável que haja uma maior luta com o modernismo que antes, nos campos das artes, da arquitetura, da literatura, da ciência e da filosofia. O recente interesse no ressurgimento da arquitetura e do planejamento urbano islâmicos, assim como das artes e ofícios, é um sinal desta importante tendência, que só complementa o ressurgimento da tradição espiritual e intelectual do Islã. É provável que a batalha seja amarga, travada diretamente com os instrumentos intelectuais, em campos que vão da historiografia às ciências sociais, língua e literatura, artes e ciências, ao estudo de outras religiões. Essas batalhas intelectuais afetarão, além disso, o próprio pensamento religioso do Islã e a mentalidade dos muçulmanos, e influenciarão, portanto, todo o curso dos eventos futuros no mundo islâmico.

À medida que as várias ondas de mahdismo e "fundamentalismo" fracassem em resolver os problemas do mundo islâmico até que o Mahdī realmente chegue, e à medida que os até agora correntes tipos de modernismo demonstrem sua falência num mundo em que a civilização que deu origem ao modernismo está, ela própria, enfrentando sua maior crise, a realidade central no mundo islâmico tornar-se-á, provavelmente, a batalha não entre Islã tradicional e secularismo e modernismo abertamente declarados, como foi o caso até recentemente, mas entre o Islã tradicional e várias ideologias de esquerda, antitradicionais, que alardeiam serem o Islã. Uma das características da vida no final do século XX, encontrada também na cristandade, é que forças contrárias à religião não mais operam apenas fora da cidadela da religião, mas tentam destruí-la de dentro, penetrando nesta cidade e disfarçando-se co-

mo parte da religião. Há uma grande diferença entre a época em que Jamal ad-Dīn Astrābādī, conhecido como Afghānī, escreveu seu *Refutation of the Materialism*, atacando o Ocidente moderno por ser materialista e agnóstico, ou dos eruditos de al-Azhar atacando o comunismo por ser ateu, e o recente intercâmbio entre muçulmanos tradicionais e os que esposam todas as causas do mundo comunista mas também se denominam islâmicos. A principal batalha do futuro no mundo islâmico muito provavelmente será entre essas duas forças e o problema central será a subversão do Islã, de dentro, por forças que afirmam falar em seu nome.

Da mesma forma, o debate entre os que gostariam de interpretar o Islã em seu sentido tradicional e os que falam dele como ideologia certamente continuará nos anos que estão por vir, assim como as discussões entre aqueles que procuram reviver a ética reformando a sociedade islâmica por dentro, contra aqueles para os quais a reforma só pode vir através de uma mudança violenta das normas e estruturas de uma sociedade, externamente. Haverá aqueles que tentarão misturar o Islã com todo o aspecto da sociedade, posicionando-se contra aqueles que não são totalmente irreligiosos (bem ao contrário, muitas vezes), mas que acreditam que, a fim de preservar a pureza de sua religião, seu sagrado nome não deve ser usado na arena político-econômica, onde a própria natureza das forças envolvidas só pode manchá-lo. Continuará a ser notada uma forte oposição entre os que têm uma visão triunfalista e muitas vezes sentimental do Islã, de acordo com a qual tudo que tem valor é "islâmico", e até mesmo o sucesso do Ocidente se deve a sua herança da ciência islâmica, e os que, de forma alguma querem identificar o Islã ao Ocidente moderno e seus triunfos, mas que vêem o Islã mais como um aliado de outras religiões tradicionais, inclusive o Cristianismo e o Judaísmo, contra o mundo moderno que se opõe não só ao Islã mas à religião como tal.

Finalmente, continuará a haver disputa entre os que desejam reviver a tradição islâmica e sua integridade e os que solapam a possibilidade dessa revivificação, seja por abusar do nome do Islã para servir idéias de natureza completamente diferente, seja como resultado de um sentimento de inferioridade em relação ao mundo moderno, freqüentemente oculto por um triunfalismo emocional. Em todos esses casos, haverá o desejo, ao menos externamente, de reviver a sociedade islâmica e as normas éticas que a governam. Esse elemento permanecerá o denominador comum, enquanto todas as diferenças aqui mencionadas, a

respeito não só do meio de implementar tal programa de renovação, mas de todos os outros fatores já mencionados, de natureza tanto política quanto intelectual, provavelmente irão continuar.

Como o Corão afirma, o futuro está nas mãos de Deus e é Seu, apenas. Todas as tendências já citadas existem e podem ser projetadas em caminhos para o futuro próximo, mas só de forma provisória, porque, do ponto de vista islâmico, não há determinismo na história. Um único evento não previsto ou o aparecimento de uma única figura poderia mudar toda a textura de forças e tendências que abrangem o mundo islâmico. O que pode ser dito com certeza é que, apesar de se ter enfraquecido, a tradição islâmica está ainda bem viva em suas dimensões interior e exterior e que, neste ponto de sua história, tem que reagir a uma multiplicidade de forças de dentro e de fora, algumas das quais opõem-se abertamente a ela, além de outras que, embora tragam seu nome, são na verdade de natureza completamente distinta. Em todo caso, a vitalidade da tradição islâmica continuará até o fim dos dias, como prometeu o Profeta. Quanto a qual das tendências atuais ganhará a vantagem, que planos o mundo exterior oculta atrás de véus de segredo para manipulá-las, e como essas forças afetarão o próprio mundo islâmico, não é possível dizer com certeza. Neste assunto, mais que em todos os outros, não se pode concluir de forma melhor do que com o dito islâmico tradicional: "Deus sabe melhor (*w'Allâhu a'lam*)".